

Dia da Indústria

Caderno especial do
Jornal do Comércio | Porto Alegre
quarta-feira, 25 de maio de 2022

AGCO/DIVULGAÇÃO/JC



De olho no crescimento

Apesar de todos os problemas causados pela pandemia de Covid-19 nos últimos dois anos, a indústria gaúcha mostra sinais robustos de crescimento neste ano. Contudo, questões como a Guerra da Ucrânia, o cenário macroeconômico incerto, as eleições e a escassez de insumos são desafios a serem enfrentados em 2022.

EDITORIAL

Otimismo sem descuidar da inflação

Cristiano Vieira, editor de Economia
cristiano.vieira@jornaldocomercio.com.br

Neste mesmo espaço, no ano passado, o especial Dia da Indústria tratava da recuperação da economia passados os efeitos mais fortes da pandemia de Covid-19 no setor produtivo. O avanço da vacinação, em 2021, permitiu o retorno gradual das atividades, com maior movimento nas ruas, empresas e nas fábricas.

Agora, em 2022, dirigentes de entidades, executivos e economistas veem a inflação como maior obstáculo para o crescimento do Brasil neste ano. No acumulado de 12 meses até abril, o IPCA, medido pelo IBGE, soma 12,13%. Um dos principais custos que têm puxado a alta inflacionária são os combustíveis, mais precisamente o óleo diesel, que

registra variação positiva de 47% em um ano.

Outra face desse quadro inflacionário é o aumento da taxa de juros. O Banco Central ajusta a Selic para tentar frear a alta de preços e, assim, conter o descasamento entre a oferta e a demanda. É um remédio amargo, mas visto como necessário por muitas empresas. A taxa Selic está em 12,75% ao ano, e o Comitê de Política Monetária (Copom) já indicou que deve seguir aumentando os juros para segurar a inflação.

A esse cenário somam-se fatores cujas consequências ainda serão percebidas, como a Guerra da Ucrânia (que já dura três meses), a forte estiagem que devastou a safra gaúcha neste ano (com perda de 50% na colheita da soja) e o ainda nebuloso quadro das eleições presidenciais e estaduais, que

promete dominar o noticiário nos próximos meses.

Em uma entrevista exclusiva, o governador Ranolfo Vieira Júnior defende o programa gaúcho de concessões de estradas e lembra que o Estado tem o desafio de tirar do papel um volume histórico de R\$ 6,3 bilhões em investimentos com recursos próprios. Segundo o governador, nas finanças públicas, a adesão do Rio Grande do Sul ao Regime de Recuperação Fiscal será concluída em junho.

Na edição deste ano, o caderno Dia da Indústria também abre espaço para matérias mostrando a realidade do setor econômico no Rio Grande do Sul, que não parou de contratar mesmo com os efeitos da pandemia. Alguns dos maiores investimentos em andamentos no Estado são de indústrias como a CMPC, que destinou R\$ 2,5 bilhões

para a sustentabilidade e a modernização da fábrica de Guaíba.

Por outro lado, uma matéria especial destaca o desafio de seguir crescendo em um cenário no qual a escassez de insumos e a alta de matérias-primas encarecem o dia-a-dia das fábricas. A maior preocupação concentra-se no campo dos eletroeletrônicos. Esse segmento tem apresentado reprogramações e prazos de entregas muito longos em razão das dificuldades de abastecimento, sobretudo de semicondutores, que são materiais básicos de qualquer componente eletrônico.

E é neste cenário de desafios para a indústria e a economia como um todo que o **Jornal do Comércio** começa a contagem regressiva para as comemorações dos 90 anos, marcadas para 2023. Boa leitura!

ÍNDICE

Os grandes investimentos da indústria gaúcha

4

A alta dos custos e a escassez de insumos

8

Entrevista com o presidente da Fiergs, Gilberto Porcello Petry

10

Entrevista com o governador Ranolfo Vieira Júnior

12

O agronegócio e a produção de máquinas agrícolas

14

O emprego industrial mostra crescimento mesmo na crise

16

Jornal do Comércio celebra 89 anos

19



EXPEDIENTE

■ **Editor-Chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) ■ **Editor de Economia:** Cristiano Vieira (cristiano.vieira@jornaldocomercio.com.br)
■ **Reportagem:** Diego Nuñez, Guilherme Kolling, Jefferson Klein, Karen Viscardi, Marcelo Beledeli e Paula Coutinho ■ **Projeto gráfico e diagramação:** Luís Gustavo S. Van Ondheusden

NESTE DIA DA INDÚSTRIA, A FIERGS TEM UM GRANDE ANÚNCIO PARA A SOCIEDADE GAÚCHA.

A FIERGS lança hoje o **Programa A Indústria Pela Educação**, contemplando iniciativas nos próximos anos que serão executadas pelo Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Sul – SESI/RS investindo fortemente na sua rede de educação básica no Estado, incluindo a construção de novas escolas e a difusão de suas práticas e pesquisas voltadas para a melhoria da qualidade da educação.

As nações desenvolvidas ensinam a lição de que a indústria e a educação são inseparáveis para atingirmos a prosperidade. Por isto, comemoramos este Dia da Indústria com o anúncio da maior destinação de recursos da história do SESI/RS na área educacional.

Indústria + Educação = Desenvolvimento

Saiba mais a partir de hoje à tarde no site **fiergs.org.br** e em nossas redes sociais.

- 📷 sesirsoficial
- 🌐 sesirsoficial
- 📘 sesirsoficial
- 📺 sesirsoficial



25 de maio,
Dia da Indústria

SESI

FIERGS

INVESTIMENTOS

Fábricas investem em inovação para ampliar resultados

Projetos das indústrias se intensificam após redução dos impactos da crise sanitária

Karen Viscardi

Os investimentos das indústrias no Rio Grande do Sul ganham impulso em 2022, após dois anos de incertezas em razão da crise sanitária. A necessidade de ampliar e qualificar os processos produtivos levou as fábricas a colocarem em execução projetos a despeito de alta de juros, restrições no acesso ao crédito, aumento dos preços de matérias-primas e de custos logísticos e redução do poder de compras dos brasileiros. O movimento ocorre independente do setor e do porte das empresas. É o caso de Braskem, CMPC, Gerdau, Cooperativa Languiru e Stihl, para citar alguns dos principais aportes.

Pesquisa da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), divulgada no final

de abril, mostra que 60,8% das empresas seguem com intenção de investir nos próximos seis meses. Apesar do menor otimismo, considerando-se que em dezembro este índice alcançava 64,2%, os empresários gaúchos esperam aumento da demanda e do emprego para os próximos meses, muitos em razão dos resultados de exportações.

De acordo com a Fiergs, as exportações da indústria de transformação do Estado alcançaram US\$ 5,4 bilhões no primeiro quadrimestre do ano, valor 43,4% superior ao mesmo período do ano passado.

Um dos setores com desempenho puxado pelas exportações, a indústria calçadista tem projeções de investimentos da ordem de R\$ 1,538 bilhão no País neste ano, 5,7% superior ao valor investido em 2021, que somou R\$ 1,455 bilhão. No ano, a expectativa é ampliar os embarques em 9,3%, o que vai ajudar na alta de 2,3% esperada para 2022. Somente entre janeiro e março deste ano, as fábricas de calçados brasileiras exportaram o equivalente a US\$ 320,6 milhões,



Na Stihl, obras estão em andamento para qualificar a capacidade produtiva em São Leopoldo

65,8% mais do que no mesmo período de 2021, o que também ajudou a elevar o nível de empregos no setor.

“Assim como em outros setores, a pandemia prejudicou a indústria calçadista, que se manteve estagnada em 2020. Em 2021, com o crescimento, houve um movimento de expansão no investimento, que continua este ano”, detalha o presidente-executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Haroldo

Ferreira. A maior parte dos projetos em andamento no setor são para modernização, com atualização dos equipamentos, e expansão do parque produtivo. Entre os exemplos, o dirigente cita a Vulcabrás, que ampliou no Ceará, e a Beira Rio e Usaflex, com projetos no Rio Grande do Sul.

Nas indústrias moveleiras gaúchas, os investimentos são pontuais e ocorrem de diferentes modos, explica o presidente da Movergs, Rogério Francio.

Segundo o executivo, há empresas ampliando o parque fabril para produzir em maior escala e diversificar seus canais de atuação, como atender demandas do e-commerce ou exportar, por exemplo.

Outras apostam em novas tecnologias, contratação de profissionais, otimização de processos e qualificação de funcionários. “Seja qual for o tipo de investimento, é nítido que as empresas gaúchas estão atentas aos movimentos do mercado”, afirma Francio.

Desorganização da cadeia produtiva exige planejamento

Um dos principais fatores para a demora na retomada das indústrias, de uma forma geral, é a desorganização das cadeias produtivas a partir de 2020. Isso gerou aumento de preços de componentes e insumos, escassez e, em alguns casos, até falta de matérias-primas. “Aumentou o faturamento dos segmentos, mas não foi acompanhado por volume de vendas, que cresceu, mas não na mesma proporção”, afirma economista da Associação das Indústrias de Móveis no Rio Grande do Sul (Movergs), Rogério Tolfo.

Entre as empresas do setor que estão investindo, o principal anúncio é o da Todeschini, que iniciou em janeiro as obras de execução para a ampliação da fábrica em Bento Gonçalves, com investimentos de R\$ 272 milhões. Do total, cerca de R\$ 140 milhões serão para maquinário, o que demandará uma duplicação da fábrica em 40 mil m², e R\$ 130 milhões serão destinados para um novo centro de distribuição.

A realidade da Todeschini não

é a mesma da maior parte do setor moveleiro. Segundo o economista da Movergs, na média geral, há espaço para as empresas crescerem sem investimentos em razão dos estoques e do cenário econômico local e mundial. “O mercado interno tende a melhorar a partir do segundo semestre do ano e as exportações devem permanecer crescendo, mas não na proporção de 2021”, declara.

As vendas externas dos móveis produzidos no Rio Grande do Sul tendem à estabilidade este ano, após um desempenho excepcional de 2021. No primeiro quadrimestre do ano, os embarques do setor alcançaram US\$ 83,6 milhões, alta de 1,20% sobre os US\$ 82,6 milhões no mesmo período de 2021, que havia crescido 71,7% sobre 2020.

No setor de celulose e papel, a busca por produtos originados de fontes renováveis serve de estímulo para as indústrias desenvolverem e ampliarem a oferta de bioprodutos e biomateriais para o mercado nacional e internacional.

Até 2024, segundo relatório da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), os investimentos do setor no País devem ultrapassar R\$ 57,2 bilhões, com aumento de 20% na capacidade produtiva. “O consumidor mundial quer mais celulose, e o Brasil é o melhor lugar para investir por suas características climáticas e qualidade da terra, que fazem o eucalipto crescer mais rápido. Tem ainda condições logísticas e de mão-de-obra”, explica o diretor-geral da CMPC Brasil, Mauricio Harger.

Internamente, nem a crise econômica fez arrefecer a demanda pelo insumo. Um dos fatores é a mudança nos hábitos da população nos últimos dois anos, com a popularização do delivery e das vendas online, o que reflete no uso de embalagens de papel. Além disso, o setor ampliou a linha tissue (papel higiênico e lenços de papel). A celulose também avança para outras áreas a partir de pesquisas e inovação, caso da celulose solúvel usada na viscosse pela indústria têxtil.



Mauricio Harger diz que Brasil oferece condições para crescer

Raio X dos principais investimentos no Estado

Fonte: Empresas citadas

CMPC (Guaíba)
R\$ 2,75 bilhões

Braskem (Triunfo)
R\$ 957 milhões

Todeschini (Bento Gonçalves)
R\$ 272 milhões

Gerdau (Sapucaia do Sul)
R\$ 200 milhões

Cooperativa Languiru (Poço das Antas, Westfália e Teutônia)
R\$ 125 milhões

Taurus (São Leopoldo)
R\$ 110 milhões

Stihl (São Leopoldo)
R\$ 56 milhões

Usaflex (Igrejinha)
R\$ 36 milhões

NESTE DIA DA INDÚSTRIA, **O RIO GRANDE DO SUL** tem muito a comemorar.

O polo petroquímico de Triunfo completa 40 anos de operação em dezembro, gerando riqueza e desenvolvimento para o Estado e seus Municípios, sempre em harmonia com o meio ambiente. Essa conquista possibilitou a instalação de uma cadeia de indústrias da química e do plástico composta por cerca de 2 mil empresas que geram 46 mil empregos.

HÁ 20 ANOS A BRASKEM CONTRIBUI PARA IMPULSIONAR A ECONOMIA E A SOCIEDADE.



CRIAMOS E PRODUZIMOS a tecnologia inovadora do I'm green™ no polo petroquímico de Triunfo e exportamos para o mundo todo.

Estamos ampliando a planta de eteno renovável, **GERANDO 1.500 EMPREGOS** diretos e indiretos durante as obras.



Investimos mais de R\$ 50 milhões na ampliação do nosso **CENTRO DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO.**



Contribuímos para o desenvolvimento das comunidades onde atuamos, **COM 42 AÇÕES E PROJETOS SOCIAIS E CULTURAIS** voltados às áreas de influência da Braskem.



Investimos em projetos que fortalecem a economia circular e contribuem para o combate ao desperdício e para a **REDUÇÃO DE RESÍDUOS** plásticos no meio ambiente.



Destinamos cerca de **R\$ 1 BILHÃO AO CICLO DE PARADA DE MANUTENÇÃO,** para novos equipamentos, processos e atualização tecnológica nas unidades, para maior eficiência e segurança nas operações, gerando cerca de 4 mil empregos temporários.

DESSA MANEIRA, VAMOS CONSTRUINDO NOSSA HISTÓRIA JUNTO COM O RIO GRANDE DO SUL.



INVESTIMENTOS

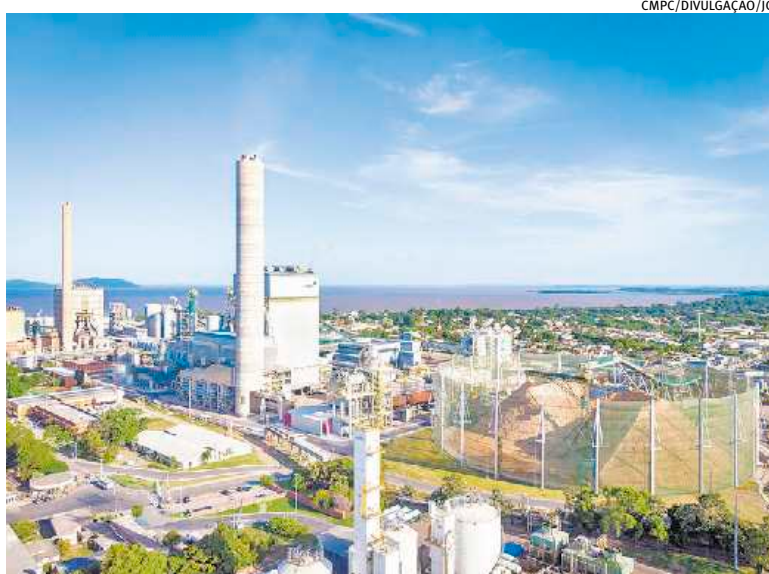
Projeto da CMPC visa ampliar eficiência e sustentabilidade

Entre os objetivos estão a redução dos gases de efeito estufa e economia no consumo de água

Karen Viscardi

O investimento bilionário da CMPC em Guaíba, de cerca de R\$ 2,75 bilhões, é uma resposta a uma demanda por celulose que há tempos cresce acima do PIB mundial e que acelerou a partir do início da pandemia. O projeto, chamado Bio-CMPC, foi impulsionado para atender os propósitos de criar, conviver e conservar, e é um avanço na agenda ESG (Ambiental, Social e Governança, em português), conta diretor-geral da CMPC Brasil, Mauricio Harger. A iniciativa une sustentabilidade, eficiência e modernização operacional.

“Temos como ambição ser uma das indústrias mais sustentáveis no Brasil. Vamos melhorar controles de gestão ambiental e introduzir um centro de gestão ambiental, o primeiro em celulose no País”, afirma Harger. O objetivo está alinhado à meta global da empresa chilena, que pretende reduzir o uso de água em 25% em todas as instalações industriais, diminuir em 60% a emissão gases efeito estufa e zerar resíduos em aterros sanitários. Em Guaíba, na área de resíduos sólidos,



CMPC/DIVULGAÇÃO/JC

Aporte de R\$ 2,5 bilhões também prevê aumento na produção anual

por exemplo, 99,8% vão para reciclagem. Ou seja, falta apenas 0,2% para a fábrica atingir a meta.

A expansão e a modernização operacional irão possibilitar um incremento de 350 mil toneladas de papel e celulose da fábrica, que superou a marca de 2 milhões de toneladas no período de 12 meses, entre maio de 2020 e abril de 2021. “É toda uma cadeia impactada. Somente na atividade florestal são 3,3 mil empregos físicos e que devem crescer cerca de 18%”, diz Harger. O percentual é proporcional à ampliação da produção. Hoje, a CMPC Brasil conta com 6 mil colaboradores fixos, sendo 2,3 mil na atividade industrial.

Cerca de 780 pessoas atuam no projeto de expansão. Este número deve chegar a 3,8 mil no pico das atividades. Com o projeto dentro do cronograma, a estimativa do prazo para finalização é de novembro de 2023. Iniciadas em agosto de 2021, 18% das obras já foram executadas.

Pelo volume de pessoas e máquinas em funcionamento, uma das preocupações foi reduzir interferências que prejudicassem a comunidade. Um dos exemplos de adequação para minimizar problemas é a substituição de todos os alarmes de ré de tratores e caminhões por um ruído mais brando, que atende a legislação e protege os trabalhadores.

Stihl segue atenta ao mercado de ferramentas motorizadas

A expansão do mercado de produtos destinados ao “faça você mesmo” e aos cuidados com a casa e o jardim desde o começo da pandemia aceleraram os investimentos da Stihl no Brasil. Após inaugurar o Centro de Operação de Motores em São Leopoldo em novembro de 2021, estão sendo aplicados R\$ 56 milhões em um novo prédio para ferramentaria e em um novo vestiário. Além disso, a empresa de origem alemã vai ampliar o Centro de Distribuição (CD) na planta gaúcha, e planeja para setembro a inauguração de um novo CD no município de Benevides (PA). As contratações de pessoal também estão em alta. Em dois anos, foram 1,7 mil novos funcionários, somando hoje uma equipe de 3,7 mil pessoas no País.

A aceleração das vendas exigiu uma capacidade de resposta imediata para suprir a alta demanda a partir de 2020. “Não

imaginávamos crescimento tão forte, mas estávamos melhor preparados do que outras empresas no País”, explica o presidente da Stihl Brasil, Cláudio Guenther. A fábrica ocupou 100% da capacidade instalada, passou de sete turnos para 14 turnos, com produção 24h por dia nos sete dias da semana.

O aumento de vendas elevou o faturamento da Stihl de R\$ 1,513 bilhão em 2019 para R\$ 2,872 bilhões em 2021. E, apenas no primeiro quadrimestre deste ano, já soma R\$ 1,228 bilhão. “Se tivéssemos mais componentes para produzir, teríamos fechado ano passado com mais de R\$ 3 bilhões em faturamento”, conta o executivo.

Para 2023/2024, ainda não há valor estimado para investimento, mas Guenther adianta que há previsão de ampliação do depósito de matérias-primas, entre outras ações.



GLAUCO ARNT/DIVULGAÇÃO/JC

Cláudio Guenther diz que faturamento poderia ter sido maior em 2021

Taurus reforça liderança em armas leves com novo complexo industrial

O investimento de R\$ 110 milhões da Taurus na expansão em São Leopoldo começou a ser estruturado em 2020, a partir de um dos objetivos da empresa: ser a maior produtora de armas leves do mundo.

A obra civil foi finalizada no final de 2021 e no início de 2022 iniciou a fase de adaptação dos prédios para receber cada fornecedor. O CEO Global da Taurus, Salesio Nuhs, adianta que a empresa já está em negociação com uma empresa internacional que trabalha com acabamento superficial de alta tecnologia.

Assim, a empresa terá em seu parque fabril seus principais fornecedores. Os ganhos

serão logísticos, tecnológicos, em capital de giro e no aumento de produção. A unidade de 12 mil m² foi construída na área onde localiza-se a fábrica da Taurus, e permitirá a ampliação da capacidade produtiva de 6 mil armas/dia para 9 mil armas/dia. A meta é tornar a unidade em um hub de distribuição de componentes para as plantas de manufatura no Brasil, Estados Unidos e na Índia. O investimento também possibilita a estreia no mercado de reposição.

Hoje, o mercado se apresenta estável e mais competitivo, com os distribuidores formando estoques de produtos, detalha Nuhs.

Usaflex amplia fábrica e reforça marca própria

Os investimentos que a Usaflex está tirando do papel este ano para expandir a indústria de calçados em Igrejinha já faziam parte do planejamento da empresa desde antes da pandemia. Mas as melhorias e obras em seu parque industrial no terreno 22 mil m² tiveram de ser postergados em razão da crise sanitária. Agora, a marca finalmente poderá ampliar a produção de

calçados femininos, com a aplicação de R\$ 36 milhões.

Serão R\$ 11 milhões destinados à aquisição de equipamentos e R\$ 25 milhões em unidades fabris. Além de ampliar a capacidade produtiva, a Usaflex está aproveitando para adotar um sistema de inteligência de estoque, mudando o modelo atual, de estoque corrugado (caixa com tamanhos diversos),

para venda em pares. “A loja vai poder comprar o que quer, no número que precisar”, detalha o CEO e sócio da Usaflex, Sergio Bocayuva. E, na contramão de empresas que viram encolher suas vendas nos últimos dois anos, a Usaflex está vendo seu faturamento crescer. Após atingir o montante de R\$ 380 milhões em 2019, a empresa deve chegar a R\$ 530 milhões este ano.

Gerdau investe em tecnologia e segurança

Focada na sustentabilidade da usina Riograndense, a Gerdau está investindo R\$ 200 milhões ao longo de 2022 na atualização e na reforma da aciaria. O projeto visa melhorar a competitividade e preparar a unidade localizada em Sapucaia do Sul para a demanda futura por aço dos clientes no

País, com avanços tecnológicos e em segurança. A decisão pelo investimento, conforme explica o vice-presidente da Gerdau, Marcos Faraco, independe do cenário político e econômico, uma vez que os projetos são elaborados para o longo prazo.

As obras coincidem com os 65

anos de fundação da unidade.

Com 1.200 colaboradores, a fábrica tem capacidade de produzir 450 mil toneladas de aço bruto ao ano e 495 mil toneladas de produtos acabados, como vergalhão, fio-máquina, barras, trefilados e pregos. O projeto não prevê aumento de capacidade de produção.

INVESTIMENTOS

Braskem avança no cronograma das paradas para manutenção

Também está em andamento expansão de 30% na capacidade produtiva de biopolímeros

Karen Viscardi

A pandemia não impediu as paradas para manutenção das plantas de polietileno, polipropileno e da central de matérias-primas da Braskem no Polo Petroquímico de Triunfo, cujos investimentos somam R\$ 957 milhões. Planejado com antecedência, independentemente de cenários internos ou externos, o período de manutenção ocorre a cada seis anos e tem por finalidade capacitar as plantas para um novo ciclo de operação com segurança, performance e tecnologia, além de atender a normas

técnicas e exigências legais.

De acordo com o diretor industrial da Braskem Regional Sul, Nelzo Silva, o investimento já estava previsto para 2022 e só houve uma mudança de datas para preservar a segurança e a saúde de todos frente à variante ômicron da Covid-19, que provocou uma nova onda de infecções no País no começo do ano. Durante o processo, serão gerados mais de 4 mil postos de trabalho temporário. Os critérios de contratação levam em consideração a formação e, preferencialmente, o candidato ser oriundo das comunidades onde a Braskem está inserida.

O cronograma está em dia e as melhorias avançam conforme o planejado, conta Silva. No momento, além do ciclo de paradas, estão em andamento os projetos de expansão de 30% na produção do

nosso segmento de biopolímeros (eteno verde) na região, além da implantação de projetos voltados para a sustentabilidade.

Entre as inovações, a Braskem está instalando sistemas de segurança industrial, novas tecnologias de controles digitais, previsão de performance e inteligência artificial. Serão também montados equipamentos que irão reduzir o consumo de energia durante a produção. Além disso, estão sendo trocados todos os sistemas digitais, computadorizados e os responsáveis pelos controles do processo de produção e segurança. Também estão sendo realizados investimentos em equipamentos específicos visando ao aumento de performance energética e de confiabilidade operacional.

Todos os investimentos e a revisão e manutenção dos



BRASKEM/DIVULGAÇÃO/JC

Mudanças incluem sistemas de segurança industrial e controles digitais

equipamentos colocarão as plantas em um novo patamar evolutivo de segurança e performance, com update tecnológico, garante o diretor da Braskem. Para isso, durante o ciclo de paradas são realizados investimentos em tecnologias de materiais e digitais, segurança, Inteligência Artificial (IA) e robotização. Entre as inovações já em operação, a Braskem utiliza um padrão fotográfico, onde os fornecedores recebem fotos para mostrar

a situação da planta e quais as reais necessidades de manutenção. É uma assistência virtual por óculos de realidade aumentada, onde técnicos a distância suportam e orientam a intervenção nos equipamentos, tornando o processo mais ágil e eficaz. Também opera com sistemas robotizados e controlados à distância, realizando limpeza de alguns equipamentos e evitando a exposição das pessoas a tarefas com potencial de risco.

Produtividade e informação progredindo lado a lado.

O futuro próspero da sociedade passa pela Indústria, em um movimento registrado com competência há 89 anos por um dos maiores veículos de comunicação do Brasil no seu setor.

Desde 1913
GBOEX
Previdência e Seguro de Pessoas
A proteção certa para a sua família.

0800 541 2483 | www.gboex.com.br

25 de maio

Dia da Indústria e aniversário do Jornal do Comércio

Uma homenagem do GBOEX

CONJUNTURA

Indústria mantém otimismo, mas enfrenta escassez de insumos e elevação dos custos

Problema é mundial e gera efeitos também no Brasil e no Rio Grande do Sul

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Diversos segmentos industriais esperam crescer em 2022 após as medidas mais restritivas quanto ao combate ao coronavírus terem ficado para trás. No entanto, algumas dificuldades estão sendo enfrentadas em determinadas áreas, como a escassez de materiais e a elevação acentuada dos custos, um efeito mundial que também se reflete no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Particularmente quanto à falta de insumos, a maior preocupação concentra-se no campo dos eletroeletrônicos. O diretor da regional da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) no Rio Grande do Sul, Régis Haubert, detalha que itens que apresentaram problemas de abastecimento em 2021, como polímeros e metais, não representam mais um obstáculo neste ano. No entanto, no que diz respeito a semicondutores, o dirigente informa que ainda se verifica falta de oferta no mercado. “Não está nada fácil e a previsão é que isso se estenda até o final de 2023”, adianta.

Conforme o diretor da Abinee, a carência desses componentes passa por um aquecimento do mercado da Internet das Coisas (IoT). Ele frisa que a transformação digital que está ocorrendo no mundo hoje está exigindo muitos insumos e as fábricas não estão conseguindo atender às



CLAITON DORNELLES/ARQUIVO/JC

Semicondutores são um dos componentes que ainda estão em falta no mercado, segundo a Abinee

demandas apresentadas. Além disso, outra questão citada por Haubert é a guerra entre Rússia e Ucrânia, países que são grandes produtores de paládio e gás neônio, elementos utilizados na produção de chips. A falta de contêineres, operação padrão da Receita Federal e os elevados valores dos fretes também são fatores que atrapalham o transporte de matérias-primas.

O dirigente adverte que todos os segmentos que utilizam microchips são impactados por essa situação. “Na Abinee, estamos prevendo que haverá uma redução de 10% na oferta de celulares (no mercado brasileiro) neste ano devido ao desabastecimento”, informa Haubert. A escassez de semicondutores, segundo o diretor da Abinee, começou no início da pandemia de coronavírus, em 2020, e foi se agravando quando algumas companhias tiveram que parar a produção. Haubert ressalta que a menor

oferta de insumos reflete nos custos. “Virou um leilão. As empresas estão buscando os componentes em qualquer parte do mundo e os reajustes em dólar variam de 5% a 250%, conforme o item”, comenta o dirigente. Apesar desses desafios, o diretor da Abinee diz que o setor está otimista e esperando crescimento para este ano. Dependendo do segmento, a perspectiva é de uma evolução de 5% a 15%, em âmbito nacional, com o Rio Grande do Sul devendo ter um desempenho semelhante.

O vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos da regional Rio Grande do Sul (Abimaq-RS), Hernane Cauduro, comenta que o problema de fornecimento de insumos do setor diminuiu em relação ao ano passado, apesar de continuar principalmente na área eletroeletrônica. O dirigente relata que esse segmento tem apresentado reprogramações e prazos

de entregas muito longos em razão das dificuldades de abastecimento, sobretudo de semicondutores, que são materiais básicos de qualquer componente eletrônico.

“Uma boa parte desse incremento, no Estado particularmente, será puxada por máquinas agrícolas”, prevê o vice-presidente da Abimaq-RS. Ele lembra que em torno de 60% do que é produzido nessa área no País é proveniente do Estado. Uma prova que esse setor está aquecido, salientada por Cauduro, foi a feira Agrishow, realizada em Ribeirão Preto (SP) no mês passado e que gerou um recorde em negócios de R\$ 11,2 bilhões.

Quanto à Covid-19, o representante da Abimaq-RS diz que o assunto ainda gera apreensão. “Claro que já aprendemos a conviver melhor com isso, não tem as radicalizações de fechar, bloquear ou parar, mas preocupa sim”, afirma.

Elevação das resinas impacta no mercado de plásticos

Um setor que passa por fortes aumentos dos custos é o do plástico, que tem como principal insumo as resinas termoplásticas. “O que acontece com os combustíveis, ocorre com o nosso material, é algo bem similar. Então, a gente está realmente sofrendo bastante”, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do Rio Grande do Sul (Sinplast-RS), Gerson Haas.

Ele acrescenta que é complicado repassar aumentos para o consumidor final que, muitas vezes, para de comprar o produto. Haas reforça que artigos básicos, como os combustíveis e a energia elétrica, têm subido acima da renda do trabalhador. Haas defende que caberia, para atenuar o cenário, uma melhor configuração da tributação que incide sobre o setor industrial, até para não prejudicar a geração de postos de trabalho que essa área proporciona.

Haas diz que o aumento dos custos das resinas termoplásticas neste ano foi na ordem de 23%. Ele recorda que essas elevações vêm sendo frequentes. “Durante a pandemia tivemos mais que o dobro de incremento, em torno de 130%”, afirma o dirigente. Ele ressalta que a guerra da Rússia e Ucrânia também tem impactado, mais recentemente, o mercado de derivados de petróleo.

Quanto ao coronavírus, Haas diz que a situação preocupa. Ele lembra que, se a Covid-19 retornar a patamares mais altos, muitas indústrias terão dificuldades quanto à mão-de-obra. Particularmente quanto ao Estado, ele teme que as baixas temperaturas do inverno possam agravar o cenário.

Abastecimento no setor calçadista está regularizado

Sobre a oferta de insumos para a área de calçados, o presidente executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, recorda que houve uma dificuldade nesse sentido no ano passado, que foi resolvida em 2022. “Agora o que tem é a inflação dos materiais, como a inflação de tudo no nosso País”, aponta o dirigente.

Ele admite que esses custos, que vêm aumentando na casa de dois dígitos (acima de 10%), estão ficando “pesados” para a

indústria. Segundo o dirigente, o Índice de Preços ao Produtor (IPP) do setor calçadista no ano passado foi na ordem de 24%. Entre os materiais que estão ficando mais onerosos para o segmento, o presidente da Abicalçados cita os derivados de petróleo, cabedais, solados e adesivos.

A superintendente da Assintecal, Silvana Dilly, confirma que a situação do abastecimento de insumos está regularizada. O cenário começou a se estabilizar já

a partir do início de 2022. Contudo, a dirigente admite que ainda se verifica, em algumas ocasiões, a prorrogação de prazos de entrega de materiais. “Mas, não existe falta”, reitera Silvana.

Silvana argumenta ainda que os custos da cadeia são impactados por fatores como a variação cambial, preços dos fretes marítimos, entre outros. A dirigente ressalta que o setor é composto por segmentos distintos, entretanto se fala em impactos de custos na

ordem 15% a 25%, neste ano. “É o que a gente está vendo no varejo, o que a gente vê na etiqueta do produto final, na parte de vestuário e calçados, foi isso que aumentou”, diz.

Para Silvana, a sustentabilidade é uma das chaves para a indústria nacional continuar competitiva. O programa Origem Sustentável tem empresas de componentes e calçados certificadas e é a única certificação da cadeia do calçado em todo o mundo.



ANDRESSA PUFAL/JC

Silvana destaca a sustentabilidade

Com o dólar elevado, exportações são alternativa para diversos setores

Com um fator cambial atrativo para as empresas mirarem no mercado externo, as exportações têm se mostrado uma estratégia interessante para vários segmentos industriais, entre os quais o de calçados e seus componentes. O presidente executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Haroldo Ferreira, enfatiza que a primeira metade do ano tem sido positiva para o setor.

Ele assinala que a expectativa é fechar o ano com um incremento de 2,3% na produção nacional de calçados, alcançando cerca de 825 milhões de pares fabricados. O dirigente estima que o desempenho da indústria calçadista gaúcha deve acompanhar o nacional. Ferreira antecipa que o crescimento deverá ser puxado pelas exportações, que devem apresentar uma evolução de 9,3% em volumes e 10,5% em valores.

Após uma queda expressiva de mais de 18% em 2020, efeito direto da pandemia, em 2021 o setor já havia registrado um incremento de 31,9% nas exportações, totalizando

123,7 milhões de pares, superando os níveis da pré-pandemia, em 2019, em 7,3%. A dinâmica da recuperação internacional tem sido mais rápida do que no mercado interno. No ano passado, as exportações cresceram cerca de cinco vezes mais do que o consumo doméstico.

Já em março de 2022, foram embarcados 13,17 milhões de pares ao exterior, que geraram US\$ 111,6 milhões, resultados superiores tanto em volume (57,5%) quanto em receita (7%) em relação ao mês correspondente do ano passado. Com isso, no trimestre, as exportações de calçados já somaram 40,74 milhões de pares, gerando US\$ 320,65 milhões, incrementos de 27,3% e de 65,8%, respectivamente, ante o mesmo período de 2021.

Conforme Ferreira, entre os principais destinos para as vendas externas dos calçados nacionais estão Estados Unidos, Argentina e França. “Os Estados Unidos, particularmente, parecem que redescobriram o Brasil como fornecedor internacional”, frisa o presidente da Abicalçados. Ele detalha que essa situação

se deve, em parte, ao fato de a Ásia ter sofrido muitas dificuldades em manter seu comércio exterior devido à pandemia. A logística mais fácil entre os empreendedores brasileiros e norte-americanos é um diferencial quanto às exportações.

A superintendente da Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal), Silvana Dilly, também enfatiza que para as empresas de componentes as exportações se apresentam como uma excelente oportunidade. Ela lembra que o Rio Grande do Sul representa cerca de 50% dos componentes que são exportados pelo País. “E acho que existe uma avaliação das pessoas sobre as condições de fabricação dos produtos que elas compram e hoje o Brasil é referência na parte de sustentabilidade”, afirma Silvana.

As exportações de componentes, após crescerem 22% no ano passado, no comparativo com 2020 (para mais de US\$ 410 milhões), tiveram os embarques aumentando 16% no primeiro trimestre (para US\$ 105,6 milhões) de 2022. No trimestre,

o principal destino das exportações brasileiras de componentes foi a China, com US\$ 23,3 milhões gerados, 18% mais do que no mesmo período de 2021.

O segundo mercado mais procurado foi a Argentina, para onde foram exportados o equivalente a US\$ 22,55 milhões, 58% mais do que no mesmo período do ano passado. Com incrementos de 23%, as

exportações para Portugal somaram US\$ 12,5 milhões no trimestre. Completando o ranking dos destinos dos componentes brasileiros no exterior, a Colômbia importou o equivalente a US\$ 2,15 milhões nos três primeiros meses do ano (40% a mais).

Ainda no primeiro trimestre, os cabedais foram os principais produtos embarcados, somando US\$ 25,74 milhões em exportações.



ABICALÇADOS/DIVULGAÇÃO/JC

Em 2021, foram vendidos ao exterior 123 milhões de pares de calçados

No Dia da Indústria, a Modular anuncia a inauguração do seu novo centro de distribuição em Nova Santa Rita.

A indústria não vive sem o transporte. E o transporte não vive sem a indústria.

Para a Modular é um orgulho imenso transportar, diariamente, às regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, grande parte da produção da indústria nacional, contribuindo significativamente para a geração de riqueza e para o desenvolvimento e o progresso do nosso país.

25 de Maio
Dia da Indústria
Uma homenagem da
Modular Cargas

Agente sabe o que faz.

51 3462.3500
www.modular.com.br

Modular
cargas
Moldando Soluções Sustentáveis

OPERAÇÕES DIÁRIAS
SUL - SUDESTE - NORDESTE - CENTRO-OESTE

ENTREVISTA

Para industriais, a inflação é uma das grandes preocupações

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

Após o Rio Grande do Sul sofrer com uma seca que pode impactar o resultado da sua economia ao final de 2022, uma das maiores preocupações do setor da indústria do Estado agora é o avanço inflacionário no País. O presidente da Fiergs, Gilberto Petry, alerta que há um limite para o repasse dos custos. Além disso, o dirigente ressalta que a questão reflete na elevação da taxa de juros no Brasil.

Jornal do Comércio - A questão inflacionária preocupa a indústria?

Gilberto Petry - Sim, é uma das grandes preocupações e por vários motivos. A indústria tem um limite para repassar preços, esse limite é dado pela estrutura do mercado de cada produto e pelas condições do consumidor. Em alguns casos, a produção começa a ser afetada, pois o produtor já observa uma queda na demanda. Em outros casos, o produtor analisa os seus custos e percebe que o mercado só vai absorver o seu produto se a oferta for num preço que representa prejuízo para a operação. Outra face desse quadro inflacionário é o aumento da taxa de juros. O Banco Central ajusta a Selic para segurar a economia e assim conter o desaceleração entre a oferta e a demanda. Entretanto, isso representa um brutal aumento no custo de capital. Imagine aquelas empresas que tomaram o Pronampe (Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte) em 2021 à taxa de 6% ao ano mais a Selic. Em maio do ano passado, a Selic estava 3,50%, agora está em 12,75%, certamente isso gera uma grande preocupação.

JC - A seca que assolou o Rio Grande do Sul no começo do ano pode comprometer o resultado da economia gaúcha em 2022?

Petry - A expectativa de perda da produção agrícola no Rio Grande do Sul é muito grande, acompanhamos as estimativas da Emater para a produção agrícola e já se observa uma queda superior a 40% na safra de grãos em comparação com a safra passada. Assim, temos a expectativa de uma queda no PIB do Estado por conta dessa estiagem. Do ponto de vista da

indústria, nossa maior preocupação está na agroindústria, aquela que utiliza grãos para a produção animal e de alimentos. Esse setor enfrenta pressões grandes pelo lado dos custos e pelo encolhimento na demanda, são indústrias que trabalham com margens mais baixas e que são compensadas pelo elevado volume. Quando o volume diminui pela menor oferta de insumos, em um ambiente em que o repasse de preços é muito difícil, temos chance de uma crise.

JC - Como o senhor avalia o desempenho da indústria gaúcha neste primeiro semestre?

Petry - A indústria cresceu no primeiro trimestre, mas o que estamos observando é uma desaceleração desse ritmo de crescimento. Em março, o nosso Indicador de Desempenho Industrial, por exemplo, apontou que o setor avançou apenas 0,2% em relação a fevereiro. Esse desempenho tem refletido um cenário que começa a inflexionar. Estamos lidando com insumos mais caros e o custo de capital também cresceu muito com o avanço da Selic. Aquelas indústrias que tiveram que se endividar ou que fizeram investimentos comecem a sentir o maior peso dos custos financeiros. Tudo isso está ocorrendo em um ambiente em que a demanda está em desaceleração e existe uma incerteza muito grande sobre qual será o custo para as economias trazerem de volta a taxa de inflação para níveis aceitáveis.

JC - O que se pode esperar para o setor industrial do Rio Grande do Sul para a segunda metade do ano?

Petry - No geral, esperamos que a indústria enfrente muitos ventos contrários. No segundo semestre a economia do País entra em compasso de espera por conta da incerteza do cenário eleitoral. Não é algo que achamos positivo, mas que já experimentamos em outras ocasiões.

JC - A indústria gaúcha está sofrendo com a escassez de insumos? Quais segmentos mais afetados?

Petry - Ainda temos um elevado número de indústrias sofrendo com os problemas nas cadeias de suprimentos. Os segmentos mais afetados são aqueles que dependem de componentes importados, tanto pela previsibilidade de

prazos que continua baixa, quanto pelo elevado custo logístico. Por exemplo, a pesquisa Sondagem Industrial que fizemos no final de março e publicamos em abril, mostrou que a falta ou o alto custo das matérias-primas, consequência das restrições nas cadeias de suprimento, manteve-se, no primeiro trimestre de 2022, como o maior problema enfrentado pela indústria gaúcha pelo sétimo trimestre consecutivo. Porém, o percentual de indústrias que apontaram esse problema caiu de 67,3% para 60,5%.

JC - A alta dos custos dos insumos na cadeia industrial ainda é um problema para o setor? Até quando essa dificuldade deve durar?

Petry - A alta continua sendo um problema, na medida em que os custos médios de produção continuam aumentando. O relato mais comum entre os industriais é: "não conseguimos comprar duas vezes a matéria-prima pelo mesmo preço. A cada nova compra os preços estão mais elevados." Até quando esse problema deve perdurar é uma pergunta que não sabemos responder. A resposta depende muito do tipo de produto que estamos tratando. A dinâmica esperada para a normalização no mercado de semicondutores é diferente daquela das resinas termoplásticas. No início de 2022 tínhamos a expectativa de preços mais estáveis, entretanto a guerra na Ucrânia mudou todo o cenário.

JC - O Rio Grande do Sul enfrenta hoje uma limitação da oferta de gás natural, como isso impacta a indústria? O que pode ser feito?

Petry - Existem algumas recomendações importantes para ajudar a solucionar essa questão, como destravar a venda da



A indústria sofre de uma carga tributária extremamente complexa e que é focada na tributação de bens



Gilberto Porcello Petry explica que o setor cresceu no primeiro trimestre

Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil, o Gasbol, e garantir a instalação de compressores no gasoduto na Região Sul, para manter minimamente a pressão e ampliar a capacidade de transporte no curto espaço de tempo. Além disso, é necessário assegurar investimentos estruturais para ampliação da capacidade do Gasbol, permitindo definitivamente a expansão da oferta, e destravar a agenda regulatória da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

JC - Há outras medidas que podem ser tomadas para aprimorar o mercado local de gás?

Petry - Convém ressaltar a necessidade de tornar mais ágil o cronograma de execução do Termo de Cessação de Condutas do Cade (que prevê a venda de ativos da Petrobras para quebrar o monopólio exercido pela petroleira nacional) e de se buscar uma solução junto a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) para autorizar o Grupo Cobra a assumir o empreendimento termelétrico Rio Grande, ou que se encontre uma solução administrativa que viabilize a construção do complexo (que é associado à implantação de um terminal de gás natural liquefeito). Também é importante, aqui no Estado, acelerar a publicação de resolução da Agergs que trata da regulação do mercado livre de gás natural e cadastro de comercializadores no Rio Grande do Sul.

JC - O que a Fiergs espera dos dirigentes que serão eleitos como presidente e governador nas

próximas eleições em outubro?

Petry - Passado esse momento de pandemia, que foi muito particular, esperamos que os eleitos voltem a pensar em uma agenda de longo prazo, e sabemos que para essa agenda ter sucesso ela precisa incluir uma política industrial. Uma das mudanças estruturais que a pandemia tem provocado nos países é um olhar mais atento para o importante papel da indústria na economia. No nosso caso, olhando especificamente para o Brasil e Rio Grande do Sul, a boa e a má notícia é que grande parte dos desafios permanecem os mesmos. Assim, o diagnóstico nós já temos. A indústria sofre de uma carga tributária extremamente complexa e que é focada na tributação de bens. Temos todas as distorções possíveis no nosso sistema tributário, tais como: cumulatividade de impostos, não neutralidade e a oneração de exportações.

JC - A guerra entre Rússia e Ucrânia teve algum impacto? Qual?

Petry - Os impactos ocorreram, inicialmente, por meio de uma expectativa de aumento nos preços de insumos e matérias-primas. A perspectiva para esse ano era de uma normalização nas cadeias de produção e um reestabelecimento na oferta de peças e componentes importados. Tanto a guerra na Europa, quanto a volta do lockdown na China, frustraram essa expectativa. Nesse sentido, as indústrias sentiram o aumento no preço dos derivados de petróleo e do aço, bem como no custo do frete.

Pratique Sustentabilidade

Esse é o papel de todos.



Nós, da CMPC, atuamos orientados pelo conceito da **Economia Circular**. Buscamos fazer o melhor uso de tudo que é consumido, aproveitando resíduos e materiais descartados, para que possamos transformá-los em **novos produtos**, que beneficiam a comunidade como um todo.

Faça sua parte e vamos juntos **construir hoje um futuro melhor para nós, o planeta e as próximas gerações**.

Acompanhe nossas práticas pelos nossos canais.

  /CMPCBrasil

cm^{pc} 

25 DE MAIO | DIA DA INDÚSTRIA

ENTREVISTA

Ranolfo defende concessões de estradas e aportes em logística

Governador avalia que críticas a pedágios já estão contaminadas pelo debate eleitoral

Guilherme Kolling e Paula Coutinho

O governador Ranolfo Vieira Júnior (PSDB) tem o desafio de tirar do papel um volume histórico de investimentos com recursos próprios do Estado, R\$ 6,3 bilhões. O chefe do Executivo destaca que um terço será aplicado em logística e transportes, setor fundamental para acelerar o desenvolvimento econômico. “Nos últimos tempos, o Rio Grande do Sul investiu R\$ 140 milhões a R\$ 150 milhões. Por ano!”, compara.

Ranolfo defende a concessão de rodovias estaduais – o primeiro lote concedido, que engloba vias da Serra, foi alvo de críticas em função do valor dos pedágios. O governador avalia que foi um grande negócio para o Estado, cita o volume de investimentos em sete anos e fala da duplicação rodoviária entre Porto Alegre e Caxias do Sul.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, o titular do Piratini diz que não desistiu de investir R\$ 490 milhões em estradas federais – o projeto tem que passar pela Assembleia Legislativa –, observando que Santa Catarina e Paraná fizeram o mesmo. E projeta que a adesão do Estado ao Regime de Recuperação Fiscal (RRF) deverá ser concluída em junho. O encaminhamento será a quatro meses da eleição, mas Ranolfo ressalva que o próximo governador, se quiser, poderá romper com o RRF. “Só que aí, voltará a pagar R\$ 300 milhões (mensais de parcela do débito com a União). Com o RRF, é uma escadinha, começa em R\$ 32 milhões em janeiro de 2023.”

Jornal do Comércio – Como estão os investimentos com recursos próprios do Estado?

Ranolfo Vieira Júnior – Dizíamos durante a campanha (eleitoral de 2018) que o recurso extraordinário deve ser utilizado em investimento, não para cobrir o dia a dia. Foi o que fizemos, todo o recurso originário de privatizações investimos no projeto Avançar, que tem R\$ 6,3 bilhões em investimento. E R\$ 2,1 bilhões serão em logística e transporte, com grande importância para o desenvolvimento econômico.

JC – Um terço de investimentos.

Ranolfo – Um terço. E estamos tentando – nosso PL 51 (projeto de lei) que está sendo analisado pela Assembleia – autorização para aportar R\$ 490 milhões na BR-116 Sul, na BR-116 Norte, na BR-290 (estradas federais). O (governador) Ratinho Jr. (PSD) já faz isso no Paraná e o governador Carlos Moisés (REP) está investindo R\$ 465 milhões em Santa Catarina. Por quê? Porque são gargalos, tem que fazer o quanto antes. A União não tem orçamento, mas já está licitado, tem a empresa, quer dizer, é só aportar o recurso.

JC – Vai insistir nesse projeto?

Ranolfo – Estou aguardando reunião que a Famurs (Federação das Associações dos Municípios) deverá ter a respeito do tema. Senti a nossa base (aliada na Assembleia) muito dividida, vamos ver a evolução com a Famurs, e após isso evoluímos para colocar em votação. Esse tema é presente, e os demais estados da Região Sul estão fazendo.

JC – Investir em rodovias...

Ranolfo – Esse portfólio de investimentos, importantes, só conseguimos graças à agenda de reformas. Em transporte e logística, o Rio Grande do Sul nos últimos 10 anos investiu em média R\$ 140 milhões, R\$ 150 milhões em rodovias. Por ano! Ainda é importante dizer, embora esse debate esteja contaminado pelo processo eleitoral, as concessões de 1.131 quilômetros de estrada, divididos em três blocos, o primeiro que já foi licitado, homologado, foi o bloco 3, da Serra, são 271,5 quilômetros... Foi na B3 (o leilão) há 30 ou 40 dias. E temos outros dois blocos, não andaram juntos pela burocracia, audiências públicas, estudos.

JC – A concessão dos outros dois blocos de rodovias estaduais sai ainda neste ano?



Está adequada (a concessão de estradas da Serra) e foi um grande negócio. Mas quem gosta de pagar pedágio? Ninguém

Ranolfo – Acredito que sim. Estamos conversando com os demais governadores... O governador Ratinho, no Paraná, teria oito processos de concessão, mas segurou em razão do debate eleitoral. Quer dizer, está contaminado, e não é uma característica do Rio Grande do Sul.

JC – E a crítica de prefeitos e associações empresariais do Interior a esse primeiro bloco que foi concedido? O senhor avalia que são eleitorais ou têm uma razão, pela questão do preço dos pedágios?

Ranolfo – O Bloco 3, em razão de ouvirmos a comunidade, nas audiências públicas, de dialogar, esse bloco teve um acréscimo de R\$ 500 milhões, foram advindos de sugestões trazidas por essas comunidades, R\$ 500 milhões de investimentos. Isso encarece o pedágio, quanto mais investimentos, mais vai encarecer. Essa é a primeira observação. A segunda, que acaba tendo um reflexo na tarifa do pedágio, é o fato de que 64,7% das obras desse bloco serão feitas nos primeiros sete anos. Ou seja, o investimento é de R\$ 3,4 bilhões, concentrou R\$ 2,2 bilhões em sete anos. No projeto original, seria em 20 anos.

JC – Em sete anos está duplicado o trecho Porto Alegre-Caxias?

Ranolfo – Em sete anos está duplicado Porto Alegre-Caxias, e alguns trechos triplicados. É um bloco importante, somente 23% das vias estão duplicadas, então, representa um investimento maior na Serra. Outro fator importante que não está na conta é a inflação, crise mundial, e o asfalto subiu muito mais do que a inflação. O setor da construção como um todo inflacionou, e isso não está posto. Às vezes, as pessoas criticam, “mas como, só teve uma empresa (na disputa) e o deságio foi muito pouco”. Tínhamos a expectativa até de que pudesse haver deserção, ninguém se apresentar, por esse cenário internacional...

JC – Considerando tudo, o senhor acha que a concessão está adequada então?

Ranolfo – Está adequada e foi um grande negócio, no meu modo de ver. Claro, tem a questão do período eleitoral que acaba contaminando o debate. Mas quem gosta de pagar pedágio? Ninguém, eu não gosto de pagar, acredito que vocês também não. Talvez a situação ideal pudesse ser que o Estado custeasse, tivesse condições, o que não acontece. E não é uma característica do Rio



Ranolfo Vieira Júnior cita R\$ 2,1 bilhões de investimentos em rodovias

Grande do Sul (ter pedágio), em todo mundo é assim, na Europa, excelentes rodovias, todas pedagiadas, nos Estados Unidos a mesma coisa, em São Paulo que é líder na questão de logística, praticamente todas as vias pedagiadas. Então, é a maneira que se tem para fazer.

JC – Mas teve até prefeito de seu partido, do PSDB, criticando. Ou seja, se tem fator eleitoral, também tem uma crítica ao valor do pedágio.

Ranolfo – Aí tem questões mais pontuais concretas, por exemplo, nesse bloco 3, o prefeito de São Sebastião do Caí (Júlio Campani, PSDB), a crítica é o local onde vai ser a praça de pedágio. Já dissemos especificamente em relação a esse fato e serve também aos demais: no projeto, aponta-se o local (da praça), e a concessionária pode modificar em 5 quilômetros (de distância) do ponto que está marcado no projeto. A concessionária simplesmente comunica ao poder concedente, não há necessidade nem de autorização.

JC – O pedágio da RS-118, que é de outro bloco, talvez seja o que tenha mais questionamentos. Há margem para negociação ali?

Ranolfo – O da 118 por ser em zona urbana, que pega municípios com pessoas de baixa renda, Viamão, Alvorada, Cachoeirinha, parte de Gravataí, Esteio, Sapucaia, esse é um bloco que estamos estudando com mais detalhamento, mas não tem como adiantar nada, estamos atentos à concessão como um todo. O bloco 1, que é o da 118, sequer passou por órgãos de controle, Agergs, Tribunal de Contas do Estado...

JC – Fica para 2023?

Ranolfo – Neste momento não saberia dizer, depende dessa agenda toda própria da concessão.

JC – Voltando aos investimentos, quanto será desembolsado desses R\$ 6,3 bilhões neste ano?

Ranolfo – Temos uma previsão de desembolso, mas é cedo para tornar público, depende de fatores que envolvem construção em rodovias, na área da saúde, segurança pública, educação, no sistema de justiça, sistema penal e socioeducativo... A

obra pública tem uma série de fatores, até judicialização que acaba atrasando... O importante é que o recurso está guardado para o investimento.

JC – E as privatizações da Corsan e da CEEE-G (braço de geração de energia da estatal)?

Ranolfo – A expectativa é que o leilão da CEEE-G seja em 29 de julho. E, no máximo em agosto, temos o IPO (oferta pública inicial de ações) da Corsan, claro, aí entram fatores de mercado, a Corsan era para ter sido em fevereiro e por circunstâncias de mercado acabou não entrando. Então, dentro de uma situação de normalidade, queremos que aconteça até o mês de agosto.

JC – Com a aprovação da alteração na lei do Teto de Gastos na Assembleia Legislativa, o Regime de Recuperação Fiscal sai em junho?

Ranolfo – É o último requisito legal, então, transpomos todos os requisitos obrigatórios para o RRF. Estamos aguardando pareceres da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, que deve dar o ok, e aí vai para o presidente da República (Jair Bolsonaro, PL) fazer a homologação. Talvez em junho tenhamos a homologação, vamos nos espelhar no caso de Goiás, que foi rápido, em poucos dias o presidente fez a homologação. E tem alguns detalhes...

JC – No RRF...

Ranolfo – O plano de recuperação fiscal, a cada dois anos, tem que ser revisto. Então, o próximo governador, seja o governador Ranolfo seja outro, terá que rever esse plano, é obrigatório segundo a lei federal. A segunda questão, importante, pois vi vários pré-candidatos a governador dizendo que era o fim da picada aderir (ao RRF): a qualquer tempo, o Estado pode desadereir, no dia 1º de janeiro (de 2023 dizer) “não quero mais, vou desadereir”. Aí, manda uma lei à Assembleia Legislativa, tem que aprovar, e está fora (do RRF). Vai pagar a dívida (com a União), os R\$ 300 milhões mensais em vez de começar com a escadinha do RRF, que deve começar em R\$ 32 milhões mensais em janeiro de 2023.

O **CIEE-RS** não é apenas
uma **Instituição de Estágio
e Aprendizagem**, e sim de
conexões humanas.



Acesso nosso Portal
e Redes Sociais



www.cieers.org
(51) 3363.1000



AGRONEGÓCIO

Valorização dos grãos aquece mercado de máquinas agrícolas

Brasil é o principal alvo de investimentos de multinacionais em inovação e tecnologia

Diego Nuñez

diegon@jornaldocomercio.com.br

A valorização internacional dos grãos continua impulsionando a produção de máquinas e equipamentos destinados ao campo. Os bons preços no mercado interno e principalmente externo, somado ao dólar alto, garantiram capitalização para a maioria dos produtores.

Apesar de o Rio Grande do Sul ter convivido com estiagens - principalmente na virada de 2021 para 2022, quando o Estado presenciou uma de suas piores secas na história recente, que resultou em perdas

bilionárias dentro e fora da porteira - o Brasil vive há dois anos safras cheias e colheitas recordes.

Estes múltiplos fatores permitiram que os agricultores reinvestissem em suas fazendas, modernizando sua produção e renovando frotas de máquinas por modelos mais eficientes e tecnológicos.

O resultado foi concreto: somente na área de máquinas agrícolas, durante o primeiro trimestre do ano, houve crescimento de 65,1% nas exportações em comparação ao mesmo período de 2021. A receita líquida da indústria nacional de máquinas e equipamentos, entre todos os setores, subiu 21,6% no acumulado dos 12 meses de 2021. As vendas internas e exportações ultrapassaram os R\$ 222 bilhões, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

O avanço na tecnologia e na

inovação possibilitam que o desempenho de cada produto seja maior, com cada máquina permitindo mais funções ou se especializando em função específica, com operações precisas que permitem ganho de produtividade.

O Rio Grande do Sul é responsável por 65% da produção de máquinas agrícolas do País. Enquanto, cada vez mais, o Brasil se consolida como um dos países mais importantes para a alimentação mundial, na mesma proporção as grandes empresas passam a ter, em território gaúcho nacional, um ambiente atraente para investimentos.

"Existem empresas grandes, que são mundiais, e que estão aplicando mais tecnologia aqui no Brasil do que no exterior. Que dedicaram mais tempo, mais dinheiro e maior percentual do que iam aplicar em inovações aqui no País. Não tem



Rio Grande do Sul produz 65% das máquinas agrícolas do País

como parar o Brasil. Principalmente a soja e o milho vão ter muito mercado ainda. Tem algumas coisas que já estão saindo daqui para o mundo", relata o presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul (Simers), Claudio Bier.

Em 2021, as exportações do Brasil de máquinas e equipamentos agrícolas apresentaram um crescimento de 41% em relação ao ano anterior, tendo atingido um volume de US\$ 1,3 bilhão - maior patamar desde 2017. Com crescimento de 108% no comparativo de 2021 em relação a

2020, o Paraguai foi o principal destino das exportações, somando US\$ 266,6 milhões, seguido da Argentina que, no período, comprou US\$ 161,2 milhões, e Estados Unidos que atingiu US\$ 158,8 milhões.

Em 2022, a julgar pelos primeiros meses do ano, o sucesso se repetirá. Entre o primeiro trimestre deste ano e o do ano passado, as exportações para a América Latina avançaram 39,7%, para os Estados Unidos avançaram 37,2% e para a Europa o aumento foi de quase 35%. Somente no Mercosul, o crescimento foi de 52,6%.

NO DIA DA INDÚSTRIA, NOSSA HOMENAGEM ÀS PESSOAS QUE FAZEM ESSE SETOR CRESCER.

Sentimos orgulho de fazer parte da história da indústria e por poder contribuir, junto com nossos colaboradores, concessionários e parceiros, para um futuro cada vez melhor.

STIHL. Sua história faz a nossa história.

 @STIHLBRASIL

 @STIHL OFICIAL

 STIHL BRASIL

 STIHL BRASIL OFICIAL

STIHL.COM.BR

STIHL

AGRONEGÓCIO

Mahindra produzirá até 7,5 mil tratores por ano com nova fábrica

Multinacional indiana investe para atender à forte demanda no setor

Diego Nuñez

diegon@jornaldocomercio.com.br

Em tempos de aquecimento no setor de máquinas agrícolas, a indiana Mahindra terá nova fábrica no Rio Grande do Sul para atender à crescente demanda do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A partir do investimento em tecnologia e modernização industrial, de valor ainda não divulgado, a empresa espera produzir 7,5 mil tratores por ano – uma capacidade produtiva três vezes maior do que os 2,5 mil tratores anuais que a multinacional fabrica

atualmente no Estado. O incremento na produção ocorre em um momento em que não só o mercado de máquinas agrícolas está em alta, mas também o da Mahindra. A empresa ampliou em 81% o seu faturamento nas concessionárias e em 64% nas vendas diretas entre abril de 2021 e março deste ano – um crescimento acima da média do mercado. Entre os principais destinos dos tratores gaúcho-indianos estão, por ordem, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

A Mahindra está presente no Estado desde 2012, quando inaugurou fábrica em Dois Irmãos. Nesta nova fase da multinacional em solo gaúcho, porém, a cidade pode deixar de ser a casa da empresa no Estado: ainda não há indefinição sobre qual



Atualmente, empresa produz 2,5 mil tratores por ano no Estado

será o destino da nova planta, e Dois Irmãos disputa o investimento com outros municípios. A certeza é que a nova unidade ficará no Rio Grande do Sul, pois no Estado já encontra uma cadeia estabelecida de fornecimento de insumos.

Hoje, a empresa também está presente em Canoas, em parceria com a Athrol. Nesta planta – diferentemente da de Dois Irmãos, onde os tratores são montados do zero – os veículos chegam praticamente prontos da Índia e é feita apenas a

agregação de alguns componentes que são fabricados no Brasil.

No Brasil, a Mahindra possui hoje 60 pontos de venda e assistência técnica em diversos estados. “Nosso crescimento está requerendo uma fábrica maior. A ideia já foi aprovada (na matriz) na Índia. A nova fábrica vai montar todos os tratores já com uma capacidade de acordo com o crescimento que a gente espera para os próximos anos”, afirmou o diretor geral da empresa no Brasil, Jak Torretta.

JTI irá investir R\$ 126 milhões até 2023

Com investimentos de cerca de R\$ 10 milhões realizados em fevereiro de 2022, a JTI aumentou sua capacidade produtiva para a safra deste ano, gerando um maior rendimento no processamento de tabaco e ampliando seu volume produtivo, passando de 15 mil kg para 16,5 mil kg processados por hora. Os recursos são parte de um total de R\$ 126 milhões a ser investido até o final de 2023 em Santa Cruz do Sul.

O valor foi destinado à aquisição de novas tecnologias e maquinários, levando a JTI a atingir um novo patamar de eficiência e rendimento, aliados a melhores condições ergonômicas para os mais de 1.000 safristas contratados para o período, na Região Sul do País. Somente no Rio Grande do Sul, foram gerados cerca de 1.000 postos temporários. O êxito nos resultados é fruto também do compromisso da empresa com o capital humano.

© PLÁSTICO PRESERVA, A INDÚSTRIA CRESCE



25 MAIO - DIA DA INDÚSTRIA

Parabéns aos industriais que apostam no plástico como matéria-prima nobre, sustentável, inovadora e geradora de empregos e renda. Há 40 anos, somos testemunha dessa evolução que o setor vem cumprindo junto à sociedade, protegendo e transportando pessoas e produtos com eficiência e segurança.

Ser sustentável é optar pelo uso do plástico e descartá-lo corretamente.

TRABALHO

Emprego industrial mostrou resistência na pandemia

Em dois anos, fábricas gaúchas aumentaram seu número de funcionários em 8,1%

Marcelo Beledeli

marcelo@jornaldocomercio.com.br

Entre todos os setores econômicos gaúchos, a indústria apresentou os melhores resultados de manutenção de empregos durante a pandemia de Covid-19. Entre março de 2020 – o primeiro mês em que foram anunciadas restrições à circulação de pessoas e às atividades produtivas – e março de 2022, enquanto o estoque geral de empregos no Rio Grande do Sul cresceu 5,5%, as fábricas gaúchas aumentaram seu número de funcionários em 8,1%, a maior elevação entre as atividades econômicas no Estado. Os dados são do Novo Caged do Ministério do Trabalho e Emprego.

Mesmo durante o primeiro ano da pandemia (março de 2020 a março de 2021), enquanto os serviços registram queda de 1,8% nos funcionários formais, e o comércio praticamente ficou estável, com leve alta de 0,2%, a indústria, naquele período, conseguiu registrar um aumento de 2,8% no número de contratados.

“Durante a pandemia, a indústria teve um papel muito importante de segurar o emprego formal enquanto outros ramos de atividade sofreram com as restrições econômicas”, destaca Guilherme Xavier Sobrinho, pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) do governo do Estado. “Mesmo com os efeitos das restrições de atividades, a desorganização das cadeias produtivas e a falta de insumos, a indústria gaúcha conseguiu gerar emprego”, comenta.

Apenas em 2021, no acumulado de janeiro a dezembro, a indústria

gaúcha gerou 47,6 mil postos de trabalho com carteira assinada, conforme os dados do Novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho e Previdência. O resultado foi mais do que suficiente para recuperar a perda de apenas 163 vagas registrada em 2020, afirma o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes. “Olhando para os resultados mensais de 2021, só houve

fechamento de vagas em dezembro, mês típico de desligamento de trabalhadores temporários e, portanto, sempre muito negativo”, afirma.

De acordo com Nunes, além da retomada da economia e do consumo de bens após as restrições da Covid-19, também contribuíram para o crescimento do emprego industrial o bom desempenho das exportações e a supersafra de grãos com preços das commodities elevados,

aumentando a rentabilidade dos produtores e tendo reflexos positivos principalmente no setor de máquinas e equipamentos agrícolas. “Contudo, é importante lembrar da estabilidade provisória de muitos trabalhadores que receberam o Benefício Emergencial (BEm) em 2020 e 2021, programa que permitiu a redução de jornada e/ou suspensão de contrato de trabalho”, recorda o economista da Fiergs.

Cenário do Emprego no RS

Número de empregados formais

Atividade	Estoque			Variações(%)		
	Mar/2020	Mar/2021	Mar/2022	20-21	21-22	20-22
Serviços	1.033.757	1.014.777	1.076.004	-1,8	6,0	4,1
Indústria	655.836	674.330	708.742	2,8	5,1	8,1
Comércio	591.199	592.462	618.543	0,2	4,4	4,6
Construção	113.664	115.832	120.639	1,9	4,1	6,1
Agropecuária	87.369	90.047	93.240	3,1	3,5	6,7
Total	2.481.825	2.487.448	2.617.168	0,2	5,2	5,5

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/Novo Caged/DEE

25 de Maio - Dia da Indústria

O Simecan se congratula com todas as indústrias e com suas associadas dos setores metalmecânico e eletroeletrônico, nesta data que marca a importância da produção e do desenvolvimento no nosso Estado, num trabalho constante de movimentação das economias.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METAL MECÂNICAS E
ELETRO ELETRÔNICAS DE CANOAS E NOVA SANTA RITA

SIMECAN

CONGREGANDO INDÚSTRIAS. INOVANDO SEMPRE.

www.simecan.com.br

Contratações devem continuar, mas em ritmo menor

De acordo com o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes, no restante de 2022, a tendência é de continuidade na geração de empregos, mas em menor ritmo que o verificado no ano passado e início do ano. Além da sazonalidade natural, que faz com que o segundo trimestre seja, tradicionalmente, um período de baixa abertura ou até mesmo de fechamento de vagas, as incertezas econômicas devem afetar o setor.

“No segundo semestre, período em que a indústria contrata para produzir os pedidos relativos às festas de final de ano, a atividade econômica deverá estar sentindo com mais força o aperto das condições financeiras, dados os efeitos defasados do aumento dos juros e a inflação ainda muito alta”, destaca Nunes. Além disso, segundo o economista, a incerteza trazida pelas eleições, com potencial de adiar a execução de investimentos, bem como a turbulência do cenário externo, com possível impacto nas exportações industriais, tende a prejudicar as contratações.



LUIZA PRADO/IC

Nunes explica que efeitos dos juros altos serão sentidos no 2º semestre

O cenário incerto também é destacado por Guilherme Xavier Sobrinho, pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) do governo gaúcho. A desorganização das cadeias produtivas globais, com os efeitos das medidas restritivas à pandemia de Covid-19 na China e também à guerra entre Ucrânia e Rússia é uma das variáveis que prejudica a indústria. “Temos

uma série de sombras para o segundo semestre. Há uma reorganização de grandes corporações na alocação de investimentos e no desenho de suas cadeias de suprimentos, tendo em vista as dificuldades para obter insumos”, recorda.

Além disso, Xavier Sobrinho lembra que o Brasil está sofrendo uma severa desorganização macroeconômica, com a alta da inflação e das taxas de juros, o que afeta o consumo e a tomada de crédito.

Setor de máquinas aumenta quadros

Dentro da indústria gaúcha, o setor de máquinas e equipamentos se destacou positivamente em geração de empregos formais durante a pandemia. Segundo dados de empregados em março de 2022, um crescimento de 26,7% em dois anos.

“O bom desempenho de máquinas e equipamentos se deve principalmente às máquinas e implementos agrícolas, reflexo da combinação de uma safra muito produtiva no centro do País com continuidade de preços elevados, apesar da estiagem que atingiu a Região Sul, bem como do avanço nas exportações”, explica o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes.

Os bons negócios ajudam

a explicar a demanda por trabalhadores. O vice-presidente regional do Rio Grande do Sul da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Hernane Cauduro, lembra que, em 2021, as empresas do setor tiveram um crescimento médio de 24% no faturamento. “Esses bons resultados logicamente geram emprego, e vale destacar que são empregos bem remunerados. Dentro dos segmentos industriais, o setor de máquinas é um dos que melhor paga seus colaboradores, porque usa uma mão de obra muito qualificada”, destaca. Segundo Cauduro, as indústrias do segmento estão, inclusive, tendo dificuldades para preencher os postos de trabalho oferecidos. “Muitas indústrias estão com vagas em aberto, mas não conseguem contratar por falta de mão de obra com a qualificação necessária”, comenta.


controle[®]
assessoria empresarial

MENSURAÇÃO DO VALOR JUSTO DE EMPRESAS E ATIVOS

- > IMPAIRMENT TEST (REDUÇÃO AO VALOR RECUPERÁVEL DE ATIVOS)
- > AVALIAÇÃO DO GOODWILL E ÁGIO PARA COMBINAÇÃO DE NEGÓCIOS
- > DETERMINAÇÃO DA DEPRECIAÇÃO PELA VIDA ÚTIL
- > AVALIAÇÃO DE BENS MÓVEIS E IMÓVEIS
- > AVALIAÇÃO DE EMPRESAS E DE MARCAS
- > PERÍCIAS E ASSESSORIAS



TRABALHO

Setor coureiro-calçadista ainda não retomou maior contratação

Enquanto os fabricantes de máquinas aumentam o número de postos de trabalho, os efeitos da pandemia ainda afetam a mão de obra empregada nas empresas gaúchas do segmento de couro e calçados. Em março de 2020, as indústrias desse setor empregavam 96.345 pessoas no Estado. Com as restrições de atividades, o isolamento social e a redução do consumo, muitas fábricas paralisaram a produção e demitiram funcionários. Dois anos depois, em março de 2022, a força de trabalho formal das empresas coureiro calçadistas contabilizava 95.961 pessoas, ou seja, 0,4% menor do que era no início da pandemia.

“A maioria das empresas que fecharam unidades já retomaram atividades. Mas a recuperação do setor é mais lenta porque, quando houve o fechamento de postos durante a pandemia, muitos profissionais foram para outras áreas e não retornaram para a indústria calçadista. Hoje estamos contratando, mas enfrentamos dificuldades de conseguir preencher vagas”, explica Haroldo Ferreira,



Haroldo Ferreira diz que reposição de mão-de-obra é mais lenta

presidente-executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados).

No entanto, Ferreira acredita que, em 2022, as fabricantes de calçados gaúchas retomem o nível de mão de obra anterior à pandemia. Uma indicação é a tendência nacional do setor. Na soma de todos os polos calçadistas do Brasil, essa recuperação

de emprego já ocorreu no final de 2021. “Encerramos 2019 com 266 mil postos de trabalho em todo o País, e fechamos 2021 com praticamente este mesmo número. Agora, no último mês de março, estávamos com 284 mil empregos. Então temos uma expectativa de recuperar estes postos de trabalho no Rio Grande do Sul também”, afirma.

Brasil precisa qualificar 9,6 milhões de trabalhadores em três anos

Até 2025, o Brasil precisará qualificar 9,6 milhões de pessoas em ocupações industriais, sendo 2 milhões em formação inicial – para repor inativos e preencher novas vagas – e 7,6 milhões em formação continuada, para trabalhadores que precisam se atualizar. Isso significa que 79% da necessidade de formação nos próximos quatro anos serão em aperfeiçoamento.

Essas conclusões fazem parte do estudo “Mapa do Trabalho Industrial 2022 - 2025”, realizado pelo Observatório Nacional da Indústria, plataforma da Confederação Nacional da Indústria (CNI), para identificar demandas futuras por mão de obra e orientar a formação profissional de base industrial.

O documento destaca que o mercado de trabalho passa por transformação, ocasionada principalmente pelo uso de novas tecnologias e mudanças na cadeia produtiva. Por isso, cada vez mais, o Brasil precisará investir em aperfeiçoamento e requalificação para que os profissionais estejam atualizados.

Segundo a CNI, em quatro anos, devem ser criadas 497 mil novas vagas formais em ocupações industriais, saltando de 12,3 milhões para 12,8 milhões de empregos formais. Essas ocupações requerem conhecimentos tipicamente relacionados à produção industrial, mas estão presentes em outros setores da economia.

Em volume de vagas, ainda

prevalecem as ocupações de nível de qualificação, que respondem por 74% do emprego industrial. Contudo, o estudo destaca o crescimento das ocupações de nível técnico e superior, que deve seguir como uma tendência. Segundo a CNI, isso ocorre por conta das mudanças organizacionais e tecnológicas, que fazem com que as empresas busquem profissionais de maior nível de formação, que saibam executar tarefas e resolver problemas mais complexos.

As áreas com maior demanda por formação são: Transversais, Metalmeccânica, Construção, Logística e Transporte, e Alimentos e bebidas. As ocupações transversais são aquelas que permitem ao profissional atuar em diferentes áreas, como técnico em Segurança do Trabalho, técnico de Apoio em Pesquisa e Desenvolvimento e profissionais da Metrologia, por exemplo.

O gerente-executivo do Observatório Nacional da Indústria da CNI, Márcio Guerra, explica que o estudo é uma projeção do emprego setorial que considera o contexto econômico, político e tecnológico.

Região Metropolitana concentra vagas, mas emprego industrial é forte na Serra

Quando é analisada a distribuição do emprego industrial no Rio Grande do Sul, os dados mais recentes por região são de 2020. Na época, os 752,3 mil empregos contabilizados na indústria representavam 27% do total de empregos na economia do Estado, destaca o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes.

A mesorregião Metropolitana de Porto Alegre concentra a maior parcela dos empregos da Indústria do RS, com 43,6% do total. Além da Capital e dos municípios do entorno – com forte presença do setor metalmeccânico e de alimentos –, o Vale do Rio dos Sinos está contabilizado na

mesma mesorregião e contribui significativamente no número de empregos, principalmente no setor de couro e calçados. Na segunda colocação está a mesorregião Nordeste, com 21,5% do total, que contempla os municípios da Serra e possui tradição no setor metalmeccânico, de alimentos e de móveis.

Em termos de participação da indústria no total de empregos da própria região, a mesorregião Nordeste ocupa a primeira colocação, com 44,9%. A segunda colocação fica com a mesorregião Centro Oriental, com 37,8%, que abrange o Vale do Taquari e o Vale do Rio Pardo, regiões com forte presença dos segmentos de alimentos, calçados e tabaco.

Empregos formais na Indústria por mesorregiões do RS (em número de vínculos)

Mesorregião	% das vagas da indústria da região no total da indústria do RS	% da indústria no total do emprego da região
Metropolitana	43,6	23,0
Nordeste	21,5	44,9
Noroeste	16,6	28,2
Centro Oriental	10,0	37,8
Sudeste	4,0	17,6
Centro Ocidental	2,2	15,5
Sudoeste	2,2	13,7
Total do RS	100	26,7

Fonte: RAIS 2020/Ministério do Trabalho e Previdência. Elaboração: UEE/FIERGS

Portal especializado aponta aquecimento na busca por trabalhadores

Em 20 de maio, o site Empregos.com.br oferecia cerca de 3.400 vagas abertas para a indústria no Brasil. Somente para a região do Sul do País havia mais de 1.600 oportunidades. A quantidade de oportunidades oferecidas teve um aumento de 39% no comparativo com o 1º trimestre de 2021.

Para Leonardo Casartelli, diretor de marketing do site, o crescimento é impulsionado pelo reaquecimento da economia pós-pandemia. “A expectativa é que o consumo continue crescendo e que estimule o aumento das vagas”, comenta.

Entretanto, Casartelli destaca que o País sofre atualmente um cenário de baixo crescimento do PIB, altos índices de desemprego

e informalidade. “O que os empregadores precisam avaliar é o cenário de alta inflação, sendo assim, o salário do trabalhador tem menor poder de compra, fazendo com que ele dê preferência a formatos de contratação que tenham menor impacto no valor líquido recebido, mesmo que seja informal”, comenta.

Para o diretor diretor de marketing do Empregos.com.br, uma alternativa para o empregador ser mais atrativo a quem busca vagas é o oferecimento de benefícios complementares que gerem uma redução nos custos no dia a dia do trabalhador, como cesta básica mais completa, vale-alimentação para serem utilizados em mercados ou ainda convênio com estabelecimentos comerciais.

Onde estarão os empregos

Crescimento da demanda por trabalhadores por nível de qualificação		
Nível de qualificação	Demanda de vagas	Varição (2022 a 2025)
Menos de 200 horas	208 mil	2,4%
Mais de 200 horas	64 mil	3,2%
Técnico	136 mil	6,3%
Superior	90 mil	8,7%

IMPRENSA

Jornal do Comércio vai cobrir a feira de tecnologia industrial em Hannover

Diário de economia e negócios do RS celebra 89 anos e prepara novidades editoriais

A partir da próxima segunda-feira, o **Jornal do Comércio** vai publicar a cobertura da tradicional Feira de Hannover, na Alemanha, apresentando tendências globais na indústria. Hannover é o principal evento internacional de tecnologia industrial, e se posiciona como um direcionador de rumos para o segmento.

A missão prospectiva do Brasil terá uma delegação com mais de 90 participantes, promovida pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), por meio do Centro Internacional de Negócios, e será liderada pelo presidente da Fiergs, Gilberto Porcello Petry. A programação em Hannover, de 30 de maio a 2 de junho, inclui ainda visitas técnicas a indústrias de ponta.

Representantes de mais de 60 empresas do Rio Grande do Sul, Goiás, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais confirmaram presença na delegação. Governo do

Estado, Confederação Nacional da Indústria (CNI), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-RS) e Escritório da Holanda no Rio Grande do Sul também são parceiros na missão.

Além de conhecer tendências industriais mundiais e novidades em energias renováveis, a missão busca estabelecer possibilidades de negócios e cooperação com o setor público e privado europeu, bem como apresentar o perfil e as oportunidades de investimentos no Rio Grande do Sul.

A cobertura do JC, que terá como enviado especial o editor-chefe, Guilherme Kolling, inclui ainda a segunda parte da missão, nos Países Baixos, até 4 de junho, com visitas a parques eólicos offshore, além de encontros estratégicos com autoridades do governo e empresas holandesas.

A Holanda é referência em meio ambiente, mobilidade urbana, e tecnologias e soluções energéticas sustentáveis, com modelos de parques eólicos offshore, projetos de hidrogênio verde, e



Feira de Hannover ocorre de 30 de maio a 2 de junho, na Alemanha

outras fontes e investimentos em energias renováveis.

O acompanhamento da missão a Hannover e aos Países Baixos marca o ano de retomada da cobertura de eventos internacionais pelo Jornal do Comércio. Neste ano, o JC teve enviados especiais na NRF Retail's Big Show em Nova York, no evento de inovação SXSW, em Austin – ambos realizados nos Estados Unidos –,

bem como da missão do governo gaúcho aos EUA.

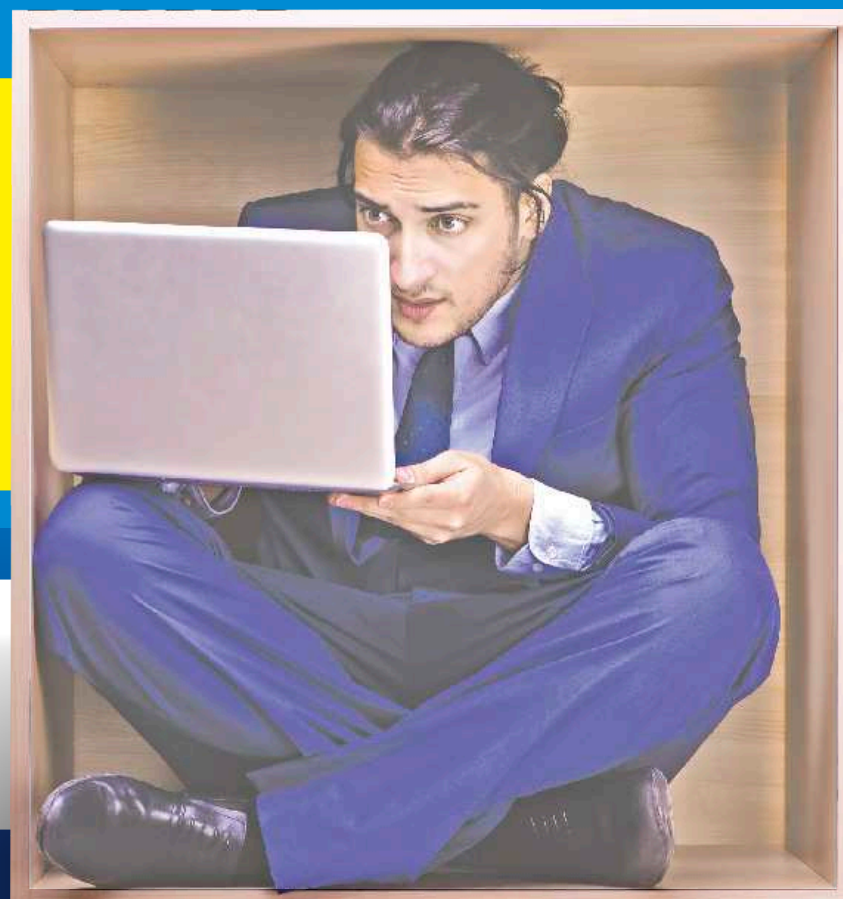
No momento em que celebra 89 anos de circulação ininterrupta, o JC prepara uma série de novidades editoriais para o Ano 90 do jornal, que serão apresentadas e lançadas ao longo dos próximos meses até maio de 2023, com destaque para conteúdos aprofundados e segmentados em economia e negócios.

Seu ERP limita o crescimento da sua indústria?

Mude para o ERP Siger®
Controle, eficiência e produtividade para a indústria, de ponta a ponta.



Aponte a câmera do seu celular.



INDÚSTRIAS



DISTRIBUIDORES



COMÉRCIO
E VAREJO



SERVIÇOS E
ESCRITÓRIOS

www.rech.com.br | 51 3582 4001
comercial@rech.com.br

f i n y @SistemaSiger

Rech®
SISTEMAS DE GESTÃO

Jornal do Comércio

O Jornal de economia e negócios do RS

89
ANOS



89 anos de informações relevantes e confiáveis, que ajudam o leitor a tomar decisões em seus negócios

Fazemos jornalismo de credibilidade, com informações importantes e exclusivas, ao longo de 89 anos de circulação ininterrupta, abordando todos os pontos de vista do mundo dos negócios, da política, da cultura, do empreendedorismo, da tecnologia e de tantos outros segmentos, sempre conectados com os nossos valores fundamentais: ética, imparcialidade, clareza e confiabilidade.

No impresso, digital e onde mais o futuro nos levar.